

Uma confissão

José Júlio de Andrade

Dom Frederico Costa fez diversas visitas a Almeirim, deixando gravadas nos corações dos almeirinenses as melhores impressões, já pela caridade que lhe era peculiar, já pelo seu zelo para com tudo que se relacionasse com os sãos princípios da Igreja.

Inteligente e culto, falava diversas linguas, especialmente o latim, que conhecia a fundo. Foi prelado de Santarem pelo espaço de três anos, cargo que deixou quando foi nomeado bispo de Manaus, deixando profunda saudade no coração de seu rebanho.

Cultivei com D. Frederico as melhores relações, hospedando-o por diversas vezes em minha casa de Arumanduba. Com o seu afastamento de Santarem, foi provida a prelatura pelo franciscano D. Armando, alemão por nascimento.

O pároco de Almeirim, padre Vitor Nicolau Perron, francês, parisiense, de qualidades distintas, quando foi avisado da nomeação de D. Armando, sentiu-se mal, tomado pelo pressentimento de achar-se ameaçado de demissão.

Uma manhã chuvosa e triste surgiu ao longe, na boca do Parú, uma igarité de velas negras e enfunadas. Em seguida, uma velha canoa, movimentada a remo por dois caboclos, atracou à ponte, dando desembarque a um frade de hábito franciscano, alto e sisudo, sem séquito eclesiástico, e que a passos largos se dirigiu para a igreja de N. S. da Conceição.

O padre Perron, que residia na própria praça da matriz, veio logo apresentar-lhe os seus cumprimentos de boas vindas, sabendo, então, que o visitante era D. Armando Bauman, novo prelado, que foi hospedado, cari-

nhosamente, no prédio em que funcionava a intendência municipal.

A noticia alvissareira da chegada do ilustre viajante foi para a pequena vila um acontecimento. Instalado com todo o conforto, o prelado permaneceu na vila por alguns dias, empregando seu tempo numa espécie de catequese, atraindo os fiéis à igreja, especialmente ao confissionário, parecendo que procedia a um inquérito a respeito do padre Perron. Uma senhora cearense, Dona Maria, disse-me:—O bispo, na minha confissão, perguntou-me se eu sabia alguma coisa sobre a vida do padre Perron, mas respondi-lhe que nada sabia, estando ali, aos seus pés, apenas para confessar as minhas culpas.

Dias depois, vim a saber que o prelado se mostrava desgostoso com o padre Perron, estando disposto a exonerá-lo, colocando na paróquia um frade da sua ordem. Realizavam-se, assim, os maus paessentimentos do vigário, que foi, efetivamente, intimado a abandonar Almeirim e, por tanto, a prelatura.

De bagagens arrumadas, triste e acabrunhado, desceu a Arumanduba para apresentar-me as suas despedidas. Recebí-o na ponte de desembarque, consternado pelo insucesso das minhas *démarches* no sentido de conservá-lo em Almeirim. De tudo lançara eu mão, inclusive dos recursos políticos, mas sempre sem resultado.

No meu modo de pensar, o afastamento do Pe. Perron era um erro, por que reunia ele excelentes qualidades: caridoso, humanitário, cumpridor de seus deveres. Nunca se negou a casar ou batizar por falta de esmola; sempre achava uma desculpa para o pobre, a quem dizia, unicamente, que, quando fizesse farinha, *se lembrasse do padre velho, que também era pobre*.

Em silêncio caminhámos até casa, e ali, sentado ele numa cadeira de balanço e eu na minha habitual maqueira, começamos a conversar.

—Então, reverendo, vai-nos deixar... não imagina quanto lamento não ter conseguido demover o bispo dos seus propósitos, tanto que, desconhecendo quaisquer motivos para essa resolução, fico perplexo ante tamanha intransigência... Mas diga-me uma coisa, padre, V. cometeu em Almeirim alguma falta que desse lugar à sua demissão?

—Coronel, respondeu-me ele, há muito tempo não

me confesso, e como o Sr. me interpela, bruscamente, em carater de amigo afetuoso, vou responder, contando-lhe a história de minha triste vida. Nasci em París,— onde também nasceram e morreram meus pais, de quem fiquei orfão aos onze anos de idade. Sem recursos, fui recolhido por um irmão de minha mãe a um convento, cujo reitor era meu próprio tio. Querido e adorado pelos membros da comunidade daquela casa santa, ali recebi instrução e educação como poucas pessoas em minhas condições. Aprendi o latim e o grego com perfeição, assim como as principais linguas vivas. Eu era um menino inocente e de bons costumes, uma rosa por desabrochar. Meu tio nutria por mim verdadeiro amor de pai, de modo que me sentia naquele meio completamente feliz. Para ser útil aos meus amigos frades, aprendi o officio de relojoeiro, pelo que, nas horas de lazer, a todos prestava os meus serviços espontâneos. Uma manhã, após a santa missa, com surpresa fui chamado à cela do prior. Entrei e beijei-o com certa timidez, qualidade que me era peculiar.—«Senta-te, me disse, preciso falar-te sobre cousas muito sérias, que se relacionam com tua vida. Hoje, meu filho, completas exactamente 21 anos, alcançando assim uma maioridade que te obriga a pensar e a resolver quanto ao teu futuro. Estás preparado em todas as matérias que permitem ao homem escolher uma carreira; desejo saber, por tanto, se sentes vocação para a vida eclesiástica, que, no meu modo de pensar, é de todas a mais difficil de vencer. Não quero constrangimento, vai-te aconselhar com o nosso irmão Pierre Delacroix, teu mestre-confessor, para depois resolves o difficil problema da tua vida futura. Para isso, dou-te três dias, durante os quais te entregarás à reflexão e orações, pedindo ao Santo Espírito que te inspire, de modo a te encaminhares, acertadamente, em qualquer dos ásperos caminhos desta vida.» Pesaroso, retirei-me, beijando o meu velho tio, que, nesse momento, estava visivelmente triste e melancólico, e encaminhei-me para a minha cela, sem reparar que era seguido pelo irmão Delacroix. Já no estreito aposento, onde tinha passado, quase sem sentir, a minha adolescência, fi-lo sentar-se num pequeno mocho ao lado da mesinha de carvalho que ali estava para os meus estudos e, em pé, esperei a sua piedosa palavra.—«Meu querido Perron, disse-me ele, esta visita um tanto insólita tem unicamente uma expressão de sin-

cero afeto, por que venho sorridente trazer-te o abraço do confessor amigo por teres hoje completado 21 anos, dos quais onze passaste neste convento, ao lado de teu santo tio, e estudando com aproveitamento. Adeus, se precisares dos meus conselhos, vai à minha cela.» — «Mestre, respondi-lhe eu, amanhã, depois das matinas, rogo-te a caridade de reservares para mim uma hora de atenção; preciso de teus conselhos salutareis para resolver, com certa segurança, o problema do meu futuro.» — «Amanhã, espero-te, disse ele, e saiu.» — Na manhã seguinte, logo após a oração matinal, dirigi-me pressuroso à cela do Pe. Delacroix, o qual já me esperava à porta, de braços cruzados. — «*Ad-sum ! Sursum corda !*» — respondeu-me ele, e logo em seguida me fez sentar ao seu lado, pedindo-me que falasse. — «Primeiramente, mestre, venho agradecer as felicitações que me levou ontem, e, ao mesmo tempo, pedir-lhe conselhos, como homem de experiência, sobre um destino—o meu—, que se me apresenta como um vasto campo fechado pela cerração. Desnecessário é falar-lhe da minha vida de estudante e adolescente nesta casa, onde entrei pela mão caridosa de meu tio, por que ninguém melhor do que o Sr. tudo sabe, já como mestre, já como meu confessor e guia espiritual. Ontem o prior, em conversa comigo em sua cela, fez-me sentir a necessidade de escolher uma profissão, de acordo com o meu temperamento. Sempre pensei na vida eclesiástica, mas peço-lhe que me diga seu pensamento sobre a carreira que acha que eu deva seguir.» — «A tua consulta, meu filho, é muito difícil responder, não obstante a minha experiência de velho. A vida eclesiástica parece boa nesta comunidade, onde os votos que fazemos, de castidade, pobreza e obediência, são observados, rigorosamente, por todos os nossos irmãos, mas, ainda assim, aqui também existem desgostos e sofrimento... Se tens, de fato, vocação para a vida eclesiástica, não serei eu que procure torcê-la; ingressa, pois, no clero secular, reza tua primeira missa por alma de teus pais e procura uma pequena paróquia, onde, à tarde, o "Angelus", do alto do campanário, anuncie aos fiéis a santa saudação. Em todo caso, medita, ora e pede a Deus que te guie. Adeus, *vade in pace.*» Ordenei-me, cantando minha primeira missa com a assistência do prior dos beneditinos e de meu mestre e confessor, padre Pierre Delacroix. E numa linda tarde de

primavera recebi de meu tio a nomeação de cura de uma pequena paróquia nos arrabaldes de Paris. Saudoso, despedi-me da comunidade e, depois de beijar as faces pálidas de meu tio, parti para a minha paróquia, d'Engliennes-Bains. Chorei copiosamente, quando me recolhi à casa paroquial. Corria o mês de Maio, mês de alegrias e de flores. Eu era um rapagão esbelto e reforçado; amava a natureza, que começava a despertar-me de minha inocente letargia. Lembro-me bem, era dia da Ascensão; depois da missa, fiz uma pequena prédica para convidar o povo para uma procissão, ato que se realizou com grande acompanhamento, às 4 horas da tarde, e nunca poderei esquecer que foi nesse dia que me senti mal pela primeira vez, nervoso pela aproximação maior com as belas raparigas que ao meu lado estavam na procissão... Recolhi-me a casa completamente embriagado, transtornado, possuído de estranhas emoções e sensações, que se agravavam mais e mais, sem que eu pudesse compreendê-las. E foi nesse ambiente de agitação e dúvidas que resolvi ir a palácio pedir ao Sr. Arcebispo permissão para ler os livros profanos. Li muito, com sofreguidão, inclusive a *Notre Dame de Paris*, de Vitor Hugo. Influuiu poderosamente no meu espírito a Bíblia Sagrada, especialmente o *Gênesis* e S. Mateus, livros que eu conhecia em latim. Enfim, desvendou-se-me o mistério da humanidade! Nessa altura, voltei ao arcebispado, para pedir licença para ausentar-me para a África ou América, em obra de missões. Autorizado pelo meu superior, tomei passagem no vapor "Denis", inglês, com destino a Belem, de onde segui para o Rio-Negro, onde passei o melhor da minha mocidade. Com os aborígenes passava o tempo a comer beijús, pescar, caçar e saborear a carne da rica fauna da região. E fui envelhecendo, envelhecendo, sem me aperceber de que o missionário era também homem! Enfastiado da roça e do convívio daquele povo pouco trabalhador, que confiava mais na opulência da natureza, resolvi tomar passagem em uma pequena lancha, com destino a Belem do Pará. Desembarquei em Santarem, e o prelado, D. Frederico Costa, encaminhou-me para Almeirim, como vigário da paróquia. Em Almeirim, confesso envergonhado, despertaram-se-me os sentidos; o velho leão adormecido despertou, e teve ímpetos de voracidade! Mas tudo em vão, meu caro amigo, tudo completamente em vão...

Compare-me a um flagelado, a um doente, acamado há longos anos, e que, ao tentar soerguer-se do leito, cai trôpego ao pé da cama...

E foi aqui que quebrei o meu silêncio, para dizer ao padre velho:

Ego te absolvo in nomine... etc.

Ele riu-se, e despediu-se, saudoso e triste, seguindo para Belem do Pará, de onde se transportou para o Rio-de-Janeiro.

Passados muitos anos, encontrei-me um dia com o Cel. Braga, de Santarem, a quem perguntei se sabia alguma coisa sobre o destino do padre Perron.

—Infelizmente sei, respondeu, está morfético, recolhido a um leprosário, no Rio-de-Janeiro.

15-2-40.
